

o navegador

clive cussler e paul kemprecos

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Prólogo



UMA TERRA DISTANTE,
CERCA DE 900 A.C.

O MONSTRO EMERGIU DAS NEBLINAS MATINAIS NA PERLADA LUZ DA ALVORADA. A cabeça maciça, com o focinho comprido e as narinas dilatadas, avançou em direção à margem, onde o caçador se ajoelhava, a corda do arco tensa contra a face, os olhos concentrados num veado que pastava no pântano. Um som ondulante atraiu o ouvido do caçador e ele olhou para a água. Soltou um gemido de medo, atirou com o arco e pôs-se de pé. O veado, assustado, desapareceu na floresta com o caçador aterrorizado a persegui-lo.

Os tentáculos do nevoeiro separaram-se para revelarem um veleiro gigante. Cortinas de algas pendiam como franjas do casco de madeira, com cerca de sessenta metros de comprimento, de um castanho-avermelhado. Um homem estava na proa erguida do navio, por detrás da figura esculpida de um cavalo ofegante. Ele estivera a olhar para uma pequena caixa de madeira. Logo que a fantasmagórica linha costeira se materializara, o homem levantara a cabeça e apontara para a esquerda.

Os timoneiros, agarrados aos dois remos, fizeram com que o navio descrevesse uma curva graciosa, que o colocou num novo curso paralelo à costa densamente arborizada. Os homens que estavam no convés ajustaram habilmente a vela quadrada, com listas verticais vermelhas e brancas, para compensarem a mudança de direção.

O capitão tinha vinte e poucos anos, mas a expressão séria no rosto

bem-parecido acrescentava-lhe anos à aparência. O nariz proeminente era uma cana ligeiramente encurvada. A espessa barba negra estava disposta em fileiras, em redor de uma boca carnuda e de um maxilar quadrado. O sol e o mar tinham-lhe bronzeado a pele, dando-lhe um tom de mogno. Os olhos insondáveis que examinavam a linha costeira eram de um castanho profundo, tão escuro que as pupilas se tornavam quase invisíveis.

O alto estatuto do capitão dava-lhe direito a usar uma túnica roxa tingida com o valioso extrato dos búzios da espécie múrex. Ele preferia ficar de peito nu e usava o saio de algodão de um tripulante comum. Um gorro cónico, de malha macia, cobria-lhe o cabelo preto, ondulado e curto.

O cheiro salgado do oceano desapareceu quando o navio abandonou o mar aberto e entrou na ampla baía. O capitão encheu os pulmões de ar, que cheirava a perfume de flores e a coisas verdes. Saboreou a perspectiva de água doce e ficou ansioso por pôr os pés em terra firme.

Embora a viagem tivesse sido longa, tudo correria bem, graças à tripulação fenícia escolhida a dedo, todos marinheiros experientes em águas profundas. A tripulação incluía uns quantos egípcios e líbios, e outros dos países das costas do Mediterrâneo. Um contingente de guerreiros citas fornecia-lhes a segurança.

Os Fenícios eram os melhores marinheiros do mundo, exploradores aventureiros e comerciantes cujo império marítimo se estendia por todo o Mediterrâneo e para além das Colunas de Hércules e do Mar Vermelho. Ao contrário dos Gregos e dos Egípcios, cujos navios nunca se desviavam da costa, e que lançavam âncora quando o Sol se punha, os destemidos Fenícios navegavam de dia e de noite sem terra à vista. Com um vento forte à popa, os seus grandes navios comerciais poderiam cobrir mais de cem milhas por dia.

O capitão não era fenício de nascimento, mas era muito versado nas artes marítimas. O seu comando de navegação e marinaria, tal como o seu raciocínio frio durante os surtos de mau tempo, rapidamente conquistaram o respeito da tripulação.

A embarcação sob o comando do capitão era um «navio de Társis», construído especificamente para o comércio de longo curso em mar aberto. Ao contrário dos navios mais largos de curta distância, as suas linhas eram esguias e direitas. As madeiras do convés e do casco eram talhadas em cedro libanês, e o mastro grosso era baixo e forte. A vela quadrada de linho egípcio, acolchoada com cintas de couro para uma maior resistência, tornava-a a mais eficiente embarcação à vela em águas profundas que existia.

A quilha curva e a popa levantada pressagiavam os navios viquingues que só seriam construídos séculos mais tarde.

O segredo por detrás do domínio fenício do mar ia para além da tecnologia. A organização a bordo dos seus navios era lendária. Cada tripulante conhecia o seu lugar na maquinaria bem lubrificada que presidia a cada empreendimento marítimo fenício. O equipamento estava bem arrumado numa sala de fácil acesso que era da responsabilidade do assistente do capitão. O vigia sabia a localização de cada apetrecho e testava constantemente o aparelhamento do navio para garantir que funcionaria em caso de emergência.

O capitão sentiu algo macio a roçar-lhe a perna nua. Permitindo-se um raro sorriso, colocou a caixa de madeira num recipiente e estendeu a mão para pegar no gato do navio. Os gatos fenícios tinham as suas origens no Egito, onde eram adorados como deuses. Os navios fenícios transportavam gatos como artigos de comércio e para controlarem as ratazanas. O capitão acariciou repetidamente o felino, com listas laranja e amarelas, depois pousou-o gentilmente no convés, ainda aquele a ronronar. O navio aproximava-se da foz larga de um rio.

O capitão deu um comando ao vigia.

— Preparem-se para soltar as velas e alertem os remadores.

O vigia transmitiu o primeiro comando a dois tripulantes que subiram pelo mastro, como macacos, até à verga.

Dois outros marinheiros atiraram com cabos, presos aos cantos inferiores da vela, aos montadores, que os manusearam para reduzirem o tamanho do grande quadrado de tecido.

Remadores de braços fortes, dispostos em duas filas de vinte, já estavam nos seus bancos. Ao contrário dos remadores de escravos, em muitos navios, os que impulsionavam a embarcação, com golpes rápidos e precisos, eram profissionais bem treinados.

Os timoneiros dirigiam o navio para meio do rio. Embora este se encontrasse bem cheio com o escoamento da neve que derreteria nas colinas e montanhas, as suas águas, rápidas e pouco profundas, impediriam que o navio se movesse mais a montante.

Os mercenários citas alinhavam-se na amurada do navio, de armas em riste. O capitão mantinha-se à proa, examinando a margem fluvial. Viu um promontório relvado, que se projetava no rio, e ordenou aos remadores que segurassem a embarcação contra a corrente, enquanto a tripulação do convés lançava âncora.

Um homem musculoso, com as maçãs do rosto proeminentes e uma face tão envelhecida como o couro velho de uma sela, caminhou em direção ao capitão. Tarsa estava encarregue dos guerreiros citas que protegiam o navio e a sua carga. Aparentados com os Mongóis, os Citas eram conhecidos pela habilidade como cavaleiros e arqueiros e pelos seus hábitos peculiares.

Na batalha, bebiam o sangue dos inimigos que venciam e arranjavam escalpes que usavam como guardanapos. Tarsa e os seus homens pintavam os corpos de vermelho e azul, lavavam-se com banhos de vapor e usavam camisas e calças de couro, estas enfiadas em botas de couro macio. Até mesmo o mais pobre dos citas adornava as roupas com ouro. Tarsa usava um pequeno pingente em forma de cavalo que o capitão lhe dera.

— Vou reunir um grupo de reconhecimento para ir a terra — disse Tarsa. O capitão assentiu. — Vou convosco.

Um sorriso surgiu no rosto de pedra do cita. Como um homem da terra, ele a princípio tinha pouca fé na capacidade do jovem capitão para manter o navio à tona de água. Mas observara-o a comandar o enorme navio e percebera que havia ferro por detrás das feições patricias e da fala suave do jovem.

O barco sobresselente e largo, normalmente rebocado pelo navio, foi colocado ao lado do mesmo. O cita e três dos seus lutadores mais resistentes entraram nele, na companhia do capitão e de dois fortes remadores.

Minutos depois, a embarcação bateu contra o promontório com um som arrastado e áspero. Sob essa saliência, com relva no topo, havia um cais de pedra. O capitão amarrou o barco a um poste que estava quase escondido pelas ervas daninhas.

Tarsa ordenou a um dos homens que ficasse com os remadores. Depois, partiu com o capitão e os outros citas ao longo da estrada empedrada e coberta de ervas que se dirigia do cais para o interior. Após semanas passadas num convés a balançar, caminhavam com um andar instável, mas rapidamente recuperaram as suas pernas terrestres. A algumas centenas de metros do rio, encontraram uma praça central repleta de ervas daninhas, ladeada por quatro edifícios delapidados. Gramíneas altas cresciam na abertura das portas e pelas veredas.

O capitão recordou-se do povoamento, tal como ele era, ao avistá-lo pela primeira vez. A praça estava cheia de atividade. Centenas de trabalhadores tinham ocupado os dormitórios de tetos planos e trabalhavam nos armazéns.

O grupo de desembarque pesquisou metodicamente todos os edifícios. Satisfeito pelo facto de o lugar estar deserto, o capitão liderou o caminho de volta ao rio. Foi até ao final do cais e acenou. Enquanto a tripulação levantava âncora e os remadores conduziam o navio em direção ao cais, o capitão voltou-se para o comandante cita.

— Será que os teus homens estão prontos para a importante tarefa que nos espera?

A pergunta fez com que o cita resmungasse. — Os meus homens estão prontos para tudo.

O capitão não se surpreendeu com a resposta. Passara muitas horas a conversar com Tarsa durante a longa viagem. A sede insaciável do capitão por conhecimento sobre pessoas de todas as raças levava-o a questionar aquele homem acerca da sua terra natal e do seu povo, e ele afeiçoara-se ao velho e resistente guerreiro, apesar da sua pele azul e vermelha e dos seus hábitos estranhos.

O navio amarrado ao cais e a tripulação baixaram uma larga prancha de embarque. Cascos ouviram-se no convés quando dois cavalos de tração foram conduzidos do seu estábulo sob a popa e desceram a rampa. Os animais estavam nervosos por se encontrarem a céu aberto, mas os citas rapidamente os acalmaram com palavras suaves e punhados de cereais encharcados em mel.

O capitão organizou um grupo de trabalho para procurar água doce e alimentos. Em seguida, desceu ao porão e parou ao lado de um caixote feito de resistente cedro libanês. O recipiente parecia brilhar sob a luz que entrava pela escotilha do convés. Disse à tripulação para que usasse todo o cuidado para o içar do porão.

Cordas grossas foram presas ao caixote e ao gancho da lança. Esta rangeu devido ao peso. O recipiente foi então levantado lentamente do porão e pousado no convés. O gancho foi retirado e os remos foram introduzidos em orifícios, nas laterais e nas extremidades do caixote, para serem usados como estacas de transporte. Homens puseram estas aos ombros e levaram-no pela rampa até ao cais.

O recipiente foi erguido e colocado num carrinho baixo, com robustas rodas de madeira, tendo os cavalos sido atrelados a esse carrinho. Os guerreiros atiraram com os seus escudos e arcos para o ombro e, de lanças na mão, formaram flancos de proteção de cada lado. O capitão e o comandante cita assumiram a liderança. A procissão avançou com um ruído de armas.

Marcharam através daquele lugar abandonado para uma estrada que

fora aberta, através da floresta, ao longo do curso do rio. A vegetação crescia nesse caminho, mas a estrada ainda permitia um rápido avanço através dos bosques densos. O cortejo parava todas as noites para montar o acampamento. Na manhã do terceiro dia, os caminhantes chegaram a um vale entre duas montanhas baixas.

O capitão fez parar a coluna e tirou da mochila a mesma caixa de madeira que consultara no navio. Enquanto os soldados descansavam e cuidavam dos cavalos, ele levantou a tampa, despejou uma pequena quantidade de água dentro da caixa e olhou para ela. Alternou o olhar entre esta e um pergaminho que ele transportava num saco de pano. Depois, continuou em frente, com a determinação segura de uma ave migratória.

A procissão marchou pelo vale e finalmente chegou a um campo onde se viam restos de mós redondas no meio de ervas altas. O capitão lembrou-se desse campo quando equipas de homens suados faziam girar as rodas de pedra. Trabalhadores tinham despejado cestos cheios de pedras nos moinhos, que as tinham transformado em pó. Este fora transportado para as fornalhas. Os foles tinham alimentado as chamas até estas atingirem uma altíssima temperatura. Trabalhadores inclinavam os cadinhos de barro e despejavam o conteúdo amarelo e incandescente em moldes em forma de tijolos.

A expedição avançou e encontrou dois ídolos de pedra. Cada estátua tinha o dobro da altura de um homem e representava uma forma, mais ou menos humana, do pescoço para baixo. Os ídolos tinham sido esculpidos para assustar os nativos. As cabeças de pesadelo eram uma combinação de animal e de humano, assumindo as piores características de cada um, como se o escultor pretendesse criar o rosto mais medonho e assustador que se pudesse imaginar. Mesmo os mercenários mais empedernidos não se sentiam à vontade. Passavam nervosamente as lanças de uma mão para a outra e lançavam olhares cautelosos àqueles ídolos de aparência maligna.

O capitão consultou a sua caixa mágica e o pergaminho, antes de mergulhar na floresta. A procissão seguia através do crepúsculo artificial criado pelo dossel da folhagem. As raízes grossas das árvores eram um obstáculo frequente, mas, após cerca de uma hora de marcha, o cortejo emergiu da floresta. Aproximaram-se da face lisa de uma parede baixa de rocha, na base da cordilheira. Mais dois ídolos, idênticos ao primeiro par, barravam o caminho.

Usando estes como referência, o capitão triangulou um ponto na parede rochosa, tateando a sua face vertical como um homem cego que

descobrisse um obstáculo inesperado. Os seus dedos curiosos encontraram um conjunto de pegas pouco visíveis, que ele usou para escalar a parede.

A cerca de três metros acima do solo, voltou-se e sentou-se num buraco de pedra. Pediu emprestada uma lança, que inseriu numa fenda em jeito de alavanca. Os soldados atiraram-lhe uma corda, que ele prendeu a essa arma. A outra ponta da corda estava amarrada a um cavalo. O capitão deu um sinal, e o cavalo começou a puxar enquanto ele empurrava os pés contra um ligeiro affloramento. Uma laje de pedra, com cerca de trinta centímetros de espessura, soltou-se e caiu com um baque, revelando uma cavidade de quase dois metros de largura por três metros de altura.

Depois de descer da parede de pedra, o capitão acendeu uma fogueira com um amontoado de gramíneas secas, e depois transferiu a chama fumegante para um feixe de arbustos. Segurando a tocha, liderou o caminho através da abertura. Os citas amarraram-se aos arreios e começaram a puxar o carro através de um túnel de paredes lisas, que se estendia por cerca de quinze metros antes de desembocar numa câmara.

O capitão acendeu vários lampadários colocados em reentrâncias ao longo da parede da câmara. O ardente anel de luz revelou uma grande galeria circular, com túneis saindo dela. No centro da sala havia uma secção circular de rocha, com cerca de um metro de altura e um metro e oitenta de diâmetro. O capitão disse aos citas que colocassem o caixote no estrado. A seu pedido, removeram a tampa e recuaram.

O capitão debruçou-se sobre o caixote e ergueu outra tampa, para revelar um baú de ouro e madeira escura ligeiramente mais ornamentado. Quando começou a retirar camadas de tecido azul, sentiu o coração a bater-lhe descompassadamente no peito. Olhou fixamente, paralisado. O rosto brilhava-lhe devido ao reflexo que a caixa emanava. Após um momento, o capitão rearranjou cuidadosamente o pano azul e a cobertura. Os homens de Tarsa voltaram a colocar a tampa.

— A nossa missão, neste lugar, acabou — afirmou ele, com as palavras a ecoarem pela câmara.

Indicou o caminho para o exterior. Era agradável sentir o ar limpo e fresco contra o rosto suado, limpando-lhes a poeira dos pulmões. O capitão ordenou aos citas que voltassem a pôr a laje de pedra no lugar. Observou com atenção a superfície. Ninguém suspeitaria que essa mesma laje escondia uma abertura.

A coluna partiu do jeito como viera. A procissão movia-se a passos rápidos, sem o peso que sobrecarregara o carrinho, e dirigindo-se diretamente

para o rio. Construído ao longo da margem inclinada deste, havia um edifício de madeira cujas grandes portas davam para a água. O capitão inspecionou o seu interior. Quando emergiu, parecia satisfeito. Disse a Tarsa e aos seus homens para prepararem uma boa refeição e para passarem uma noite bem dormida.

Ao amanhecer, o incansável capitão acordou-os. Os cavalos arrastaram um barco de madeira do depósito até ao rio. A embarcação de convés aberto era meio barco, meio balsa, com cerca de quinze metros de comprimento e uma dezena de metros de largura e submergia apenas alguns palmos na água. Uma longa barra operava o leme.

Os cavalos foram conduzidos para o barco e este foi empurrado e colocado no rio para aproveitar as correntes. O percurso rio abaixo era mais arrepiante do que a viagem marítima. O barco encontrou baixios, rápidos, árvores à deriva, remoinhos e rochedos. Os citas aplaudiram quando a embarcação saiu pela foz do rio e eles viram o navio atracado.

A tripulação do navio recebeu os recém-chegados e ajudou a arrastar o barco até à margem. Enquanto o capitão escrevia no seu diário, a tripulação comemorou até altas horas da noite. Estavam agitados, mesmo antes do amanhecer, e o Sol espreitava já por cima das árvores quando soltaram as amarras. Alimentado pelas fileiras de remadores e pelo vento, o navio avançou rapidamente para a baía, não tendo os remadores poupado esforços nesse trabalho. Como qualquer homem a bordo, estavam impacientes para regressar a casa.

A exuberância a bordo do navio foi interrompida por um desenvolvimento inesperado. Quando o navio passou por uma ilha, outro navio surgiu para lhes barrar o caminho.

O capitão deu uma ordem rápida em voz alta para remarem com força e soltarem as velas. Subiu a um grande contentor de água, que havia na proa, para estudar melhor a embarcação. Não havia sinal de vida a bordo, mas o convés estava obscurecido por uma cerca de vime para proteção de cargas, que corria ao longo dos lados do navio, enquanto a maior prancha do casco era retirada.

Estava a olhar para um navio de Társis.

A nave tinha as mesmas linhas funcionalmente graciosas que o navio do capitão. O convés era longo e direito, e a curva da popa e a cabeça esculpida na proa erguiam-se acima das águas. Os olhos perspicazes do capitão

perceberam diferenças importantes entre os dois navios. A estranha nave fora construída para o comércio e modificada para a guerra.

A proa do estranho navio estava coberta de bronze, em vez de madeira, criando um bico que poderia arrancar o coração ao navio mais forte. Os enormes remos, presos ao casco, poderiam servir como aríetes.

O comandante cita aproximou-se do capitão. — Será que devíamos enviar um grupo a bordo?

O capitão ponderou a pergunta. Um navio fenício não deveria representar uma ameaça, mas não havia razão para que este navio estivesse onde estava. As suas ações, embora não fossem hostis, não seriam certamente amigáveis.

— Não — respondeu o capitão. — Vamos esperar.

Passaram-se cinco minutos. Depois dez. Após vinte minutos, era possível ver vultos a descer uma escada até ao barco sobresselente do navio de guerra. Este aproximou-se até ficar ao alcance da voz. Havia nele quatro homens que remavam. Um quinto estava de pernas afastadas na proa, com o manto púrpura a adejar atrás dele, como uma vela solta. Colocou as mãos na boca.

— Saudações, meu irmão — gritou através da água.

— Saudações também para ti, irmão — respondeu o capitão, surpreso.

— Como é que vieram aqui parar?

Um olhar de falsa incredulidade surgiu no rosto do homem que apontou para o navio de guerra. — Vim tal como tu, Menelik, num navio de Társis.

— Com que finalidade, Melqart?

— Para unirmos forças mais uma vez, querido irmão.

O rosto do capitão não traiu qualquer emoção, mas os seus olhos escuros ardiam de raiva. — Sabias da minha missão?

— Somos uma família, não somos? Não há segredos entre pessoas aparentadas.

— Então não me escondas os teus desejos.

— Sim, claro. Vem a bordo do meu navio e vamos conversar.

— A hospitalidade do meu navio também está aberta para ti.

O homem de púrpura riu-se. — É óbvio que nos falta confiança fraternal.

— Talvez isso se deva ao facto de sermos apenas meios-irmãos.

— No entanto, compartilhamos o mesmo sangue. — Melqart apontou para a ilha. — Vamos pôr fim a esta discussão de miúdos e encontrarmo-nos em terreno neutro para conversar.

O capitão observou a ilha com atenção. Ao contrário da maior parte da costa densamente arborizada, a margem do rio era plana durante algumas centenas de metros, antes de se elevar numa crista baixa e relvada.

— Muito bem — gritou ele.

O capitão disse a Tarsa para reunir uma equipa de desembarque. Este escolheu quatro dos seus homens mais endurecidos pela batalha. Minutos depois, o barco sobresselente avançou até à margem do rio. Os citas ficaram nele, enquanto o capitão começou a subir pela praia inclinada.

O seu meio-irmão encontrava-se a trinta metros da costa com os braços cruzados. Estava vestido com ricos trajes fenícios, com uma túnica de duas peças ricamente estampada, sob um manto púrpura, e com um gorro cónico na cabeça. Um colar de ouro rodeava-lhe o pescoço e tinha também ouro a adornar-lhe os braços e os dedos.

Ele era da mesma altura do capitão, e o seu belo rosto tinha uma grande semelhança com o do irmão, com um nariz proeminente, pele escura, cabelos ondulados e barba. Havia, contudo, grandes diferenças. O porte real do capitão parecia imperioso e arrogante, enquanto as características do seu meio-irmão eram mais rudes do que fortes. Os seus olhos escuros não tinham profundidade nem eram suaves. O queixo proeminente sugeria teimosia em vez de determinação.

— Que maravilhoso ver-te, depois de tantos anos, querido irmão — disse Melqart, com um sorriso envolvente que revelava em si mais astúcia do que simpatia.

O capitão não estava com disposição para subtilidades insinceras. — Porque é que estás aqui? — exigiu saber.

— Talvez o nosso pai tenha decidido que precisavas de ajuda na tua missão.

— Ele nunca teria confiado em ti.

— Ele obviamente confiou em ti e tu és um ladrão.

As faces do capitão ruboresceram com o insulto, mas ele manteve a sua raiva sob controlo. — Não respondeste à minha pergunta.

O seu meio-irmão encolheu os ombros. — Soube que andavam em manobras. Tentei intercetar-te, mas a tua nave é muito rápida e nós ficámos para trás.

— Por que motivo está o teu navio equipado para a guerra?

— Estas são águas perigosas.

— Estás a desafiar o nosso pai ao vires até aqui. Este não seria o seu desejo.

— O *nosso* pai — disse ele, bruscamente. — O *nosso* pai era um mulhengo que dormiu com a rameira da tua mãe.

— E também com a rameira da *tua* mãe?

Melqart desviou a túnica roxa. A mão dirigiu-se-lhe ao punho da espada, mas depois pensou melhor e desviou-a para trás. — Somos parvos se brigarmos com assuntos familiares de amantes — observou ele, com calma. — Voltemos para o meu navio. Vou servir-te umas bebidas e podemos conversar.

— Não há nada para conversarmos. Tu vais voltar pelo caminho de onde vieste. Nós seguimos-te.

O capitão rodou sobre os calcanhares e caminhou de volta para o rio. Manteve o ouvido atento a possíveis passadas, no caso improvável de o irmão poder ter a coragem de o atacar.

Mas o único som que ouviu foi o de Tarsa, a gritar:

— Capitão! Atrás de si!

O cita tinha visto uma dezena de vultos a subir pelo cume relvado atrás da praia.

O capitão voltou-se quando os homens correram na sua direção. Tinham tatuagens a decorar-lhes os ombros e o peito.

Trácios.

Outra raça de olhos ferozes que alugava as suas capacidades com a espada e com o dardo às marinhas fenícias. Os trácios passaram pelo seu meio-irmão, que os instigou:

— Matem-no! Matem-no!

O capitão desembainhou a espada curta, enquanto os trácios aos gritos o rodearam rapidamente.

Voltou-se então para enfrentar os seus atacantes, mas não podia proteger as costas. Um trácio aproximou-se, prestes a lançar o dardo, apenas para parar de repente e soltar a arma. Agarrando o cabo emplumado que lhe saía da garganta, emitiu uma tosse seca, caiu de joelhos e bateu com o rosto na areia.

Tarsa colocou calmamente outra flecha na corda do arco. Sem mais esforço do que o de uma simples respiração, matou um segundo trácio. Os outros dispersaram-se.

Os arqueiros de Tarsa desencadearam uma chuva letal de flechas que encontraram o alvo nas costas dos trácios em fuga.

O capitão soltou um poderoso grito de guerra e correu até à praia. Balanceou então a espada, num golpe poderoso, que poderia ter decapitado

o seu meio-irmão, se Melqart não tivesse evitado a ponta da lâmina, esquivando-se no último momento. Sob a onda de golpes que se seguiram, Melqart tropeçou nas vestes e caiu na areia fofa.

Rolou de costas e pôs a espada de lado. — Não me mates, meu irmão.

O capitão hesitou. Apesar de ser mau, Melqart ainda era um parente de sangue.

Tarsa gritou outro aviso.

Uma segunda onda de trácios surgiu no cimo da praia para reforçar a primeira linha de atacantes.

O capitão recuou e correu para o barco, saltando sobre os cadáveres dos atacantes.

Os citas dispararam as suas últimas flechas. Esses disparos, apressadamente apontados, atrasaram o avanço dos trácios, mas não lhes puseram fim.

Tarsa pôs o arco de lado, agarrou no capitão com os seus braços poderosos e levantou-o para o pôr no navio. Os remadores atuaram com força e retiraram o barco rapidamente do alcance dos dardos, que salpicaram inofensivamente a água atrás deles.

O capitão subiu ao convés. O vigia estava a distribuir lanças e espadas, que anteriormente tinha arrumado muito bem numa sala de armas no convés.

O barco de Melqart abandonou a costa com o último trácio. A cerca de vime a bordo do navio de guerra tombou, para revelar pelo menos uma centena de homens numa erguida plataforma de combate.

O sol cintilava nas pontas das lanças. Os seus escudos estavam pendurados na balaustrada para criarem uma muralha defensiva. O capitão viu plumas de fumaça a subirem do convés e ordenou que colocassem recipientes com água em redor do navio.

Arrastadas por finas marcas de fumo, flechas flamejantes, mergulhadas em pez, elevaram-se do navio e descreveram uma curva nos céus, para tombarem como uma chuva de fogo.

Nenhuma flecha encontrou um alvo humano, mas algumas cravaram-se no casco e no convés do navio. As chamas foram encharcadas com a água dos recipientes, mas outra salva se seguiu à primeira, e algumas flechas flamejantes aterraram na vela enrolada.

Os tripulantes puxaram-na para o convés e pisaram o pano que ardia, ignorando as brasas que lhes queimavam os pés e as pernas.

O capitão vozeou uma ordem para levantarem âncora. Enquanto os citas desencadeavam uma mortal salva de flechas como cobertura, os

remadores fizeram recuar o navio para fora do alcance das flechas ateadas. Mas a manobra desajeitada colocou o navio ao lado do outro.

As chamas da vela começaram a espalhar-se. O capitão sabia que a sua embarcação estava condenada. Os navios eram feitos de madeira, cânhamo, pez e tecido. Em minutos, a embarcação transformar-se-ia numa enorme tocha flamejante.

O barco de guerra começava a preparar-se para a matança.

Os grandes remos, em ambas as extremidades do navio, estavam a ser usados para que a embarcação pudesse descrever rapidamente uma curva de cento e oitenta graus que colocaria o aríete de bronze direito a eles.

Este abriria um buraco no navio em chamas. Logo que o navio se comesse a afundar, seria salpicado com mais flechas de fogo. Projéteis explosivos repletos de óleo flamejante seriam suspensos da proa usando postes.

O capitão ordenou aos timoneiros que virassem o navio. Quando a proa ficou apontada rio abaixo, gritou para os remadores:

— A toda a velocidade!

O navio balançou, como uma baleia preguiçosa, e ganhou ímpeto. A embarcação inimiga ainda estava a girar e nunca iria ficar numa posição mais vulnerável. Embora a proa do navio do capitão não estivesse forrada com metal, as grossas madeiras libanesas poderiam ser usadas com um efeito mortal.

Cascos trovejaram no meio dos gritos dos homens. Os cavalos tinham-se soltado do estábulo e subido a rampa para o convés. Os citas abandonaram os seus arcos e tentaram empurrar os cavalos para baixo. Os animais recuaram, rolando os olhos, mais assustados com o fumo e com o fogo do que com os barulhentos seres humanos.

Os navios estavam separados por metros. O capitão podia ver um indivíduo de roxo a andar de um extremo do convés para o outro, enquanto Melqart instigava a sua tripulação a deslocar-se mais rapidamente.

O navio em chamas chocou contra o navio de guerra. O capitão perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos, mas rapidamente se voltou a pôr de pé. A figura de proa da cabeça de cavalo inclinava-se em ângulo. O navio recuperara e balançava-se para que o seu casco ficasse lado a lado com o outro navio. Os arqueiros inimigos poderiam atingi-los como quisessem. Guerreiros com lanças na mão entrariam a bordo para terminar o combate.

A disciplina quebrara-se no navio. Os homens corriam pelo convés em chamas, tentando evitar serem queimados, ou pisados pelos cavalos furiosos.

Os navios continuavam a embater um contra o outro.

Uma rajada de vento clareou o fumo por um instante. O capitão viu o sorriso irônico no rosto do irmão, que olhava para ele apenas a alguns metros de distância.

Excitado, o capitão atravessou o convés principal através das nuvens de fumo, tentando pôr ordem na sua tripulação em pânico.

Um cavalo levantou-se diante do capitão e este teve que recuar para evitar ser esmagado. Inspirado de súbito, pegou num pedaço da vela que ardia no convés e acenou com ele para o cavalo. O animal recuou e moveu no ar as patas de afiados cascos. Gritou depois aos citas para que seguissem o seu exemplo.

Formou-se uma linha irregular. Gritando e brandindo pedaços de tecido a arder ou camisas de couro no ar, empurraram os cavalos contra a amurada baixa do navio.

Trácios tatuados alinhavam-se na amurada do outro navio, com os olhos a brilharem de antecipação perante o massacre iminente. Foi então que os cavalos subiram e saltaram pela amurada até ao convés do navio de guerra. Os animais tombaram através da linha de guerreiros e puseram-se a correr loucamente de um extremo ao outro do convés, atropelando qualquer um que se lhes atravessasse no caminho.

O capitão pulou por cima do corrimão, com os citas logo atrás de si. Com um rápido golpe de espada, derrubou o primeiro homem que encontrou. Então, toda a sua tripulação penetrou como um enxame a bordo. Os trácios recuaram confusos sob o feroz ataque.

O rosto do capitão estava negro de fuligem. Sangrava de várias feridas não fatais de espadas e de lanças, mas prosseguiu inexoravelmente em direção a Melqart, que vira a maré da batalha a virar, e estava a tentar encontrar segurança na extremidade traseira do navio. Menelik subiu por uma pequena escada até à popa, onde o seu meio-irmão se escondia.

Dessa vez ele não hesitaria em infligir-lhe um golpe fatal.

Porém, quando a sua espada lhe atingiu a carne, algo duro colidiu com o crânio do capitão, e ele caiu no convés, com uma cortina de escuridão a tombar-lhe sobre o olhar.

Mais tarde, quando o último rasto da batalha borbulhara até à superfície, a testemunha silenciosa, que estivera escondida entre as ervas, iniciou o seu caminho cautelosamente ao longo da praia, não muito longe de onde vira o monstro com cabeça de cavalo.

Tudo estava em sossego. Os gritos de dor e agonia e o choque de armas tinham desaparecido. Ouvia-se tão-só a ondulação suave da água, ao longo da margem do rio, que estava repleta de mortos. Ele dirigiu-se de corpo para corpo, ignorando os ornamentos de ouro e preferindo os artigos mais úteis.

Estava encurvado a prosseguir no seu saque quando ouviu um miado patético. Uma massa encharcada de pelo, de um laranja-amarelado, tinha as garras cravadas numa tábua queimada. O caçador nunca antes vira um gato e, por instantes, pensou matá-lo. Mas não o fez. Em vez disso, envolveu o animal num pano de couro macio.

Quando já não conseguia carregar mais coisas, afastou-se, deixando apenas as suas pegadas na areia.



CASA BRANCA, 1809

A MANSÃO EXECUTIVA NA PENNSYLVANIA AVENUE ESTAVA ÀS ESCURAS, À exceção do escritório, onde um lume crepitante na lareira mantinha o frio do inverno bem afastado. A luz amarela e cintilante banhava o perfil, de nariz alto, do homem que estava sentado a uma secretária, cantarolando enquanto trabalhava.

Thomas Jefferson olhou para o relógio de parede com os brilhantes olhos azuis-acinzentados, cuja intensidade muitas vezes assustava aqueles que o conheciam pela primeira vez. Eram duas da manhã; ele geralmente deitava-se às dez. Estava a trabalhar no escritório desde as seis da tarde, tendo-se levantado ao amanhecer.

O presidente fizera o seu passeio da tarde, em torno de Washington, no seu cavalo favorito, o *Águia*, e ainda usava as roupas de montar: um confortável casaco castanho, já muito coçado, um colete vermelho, calças de veludo cotelê e meias de lã. Ele trocara as botas de montar pelos chinelos sem saltos, que chocavam os enviados estrangeiros que esperavam que um tipo de calçado, mais sofisticado, enfeitasse os pés presidenciais.

O braço comprido do presidente estendeu a mão para um armário. As portas abriram-se com um toque de dedos, algo que satisfazia o amor que Jefferson tinha por engenhocas. Arrumados dentro do armário, via-se um copo de vidro lapidado, uma garrafa cheia de vinho tinto francês, um prato de bolos e uma vela usada para navegar à noite pelos corredores até ao seu

quarto. Serviu-se de meio copo de vinho, ergueu-o sonhadoramente para a luz e bebeu um gole que lhe trouxe boas lembranças de Paris.

O dia seguinte não poderia chegar cedo de mais. Em poucas horas, o oneroso fardo do seu trabalho seria transferido para os ombros estreitos, mas capazes, do seu amigo James Madison.

Saboreou outro gole e voltou aos papéis espalhados em cima da mesa. Escrito com a mesma mão fluida que redigira a Declaração de Independência, viam-se espécimes, dispostos em colunas, de mais de cinquenta vocábulos índios recolhidos ao longo de um período de trinta anos.

Jefferson há muito estava obcecado com a questão de como os Índios tinham chegado à América do Norte, e passara anos a compilar listas de palavras comumente usadas em línguas e dialetos índios. A sua teoria era a de que as semelhanças entre palavras do Velho e do Novo Mundo poderiam oferecer uma pista acerca da origem dos Índios.

Jefferson exerceu descaradamente o seu poder presidencial seguindo a sua obsessão. Já havia convidado cinco chefes Cherokee, para uma recepção na Casa Branca, e interrogara-os sobre a língua deles. Instruíra Meriwether Lewis para recolher os vocábulos índios que o explorador encontrasse na sua viagem histórica até ao Oceano Pacífico.

O livro que Jefferson planeava escrever, sobre as origens dos Índios, seria a culminação da sua carreira intelectual. Os acontecimentos tumultuosos do seu segundo mandato tinham-lhe paralisado temporariamente esse projeto, e ele adiara o envio das listas para a impressora, até que pudesse escrever resumos das resmas do novo material que Lewis e Clark tinham trazido da sua longa caminhada.

Prometendo cuidar da tarefa, assim que regressasse a Monticello, empilhou os papéis num volume bem arranjado, amarrado com cordel, e colocou-o, juntamente com as outras listas de vocábulos e artigos de papelaria, numa sólida arca. Esta seria transportada com os seus pertences através do rio James, e carregada num barco que levaria a sua bagagem até Monticello. Colocou o último pacote de documentos na arca e fechou a tampa.

Agora tinha a mesa limpa, exceto por uma caixa de estanho que tinha o seu nome gravado em relevo na tampa. O presidente abriu a caixa e retirou uma peça retangular de pergaminho, com cerca de vinte e quatro por vinte centímetros. Segurou essa pele macia perto de um candeeiro a petróleo. A superfície irregular estava coberta com uma estranha escrita, linhas onduladas e vários X. Uma das margens encontrava-se esfarrapada.

Ele adquirira esse pergaminho em 1791. Ele e o seu vizinho da Virgínia, «Jimmy» Madison, tinham montado a cavalo em Long Island, Nova Iorque, para conhecer alguns índios empobrecidos, da tribo Unkechaug, que ainda aí permaneciam. Jefferson esperava encontrar alguém que conhecesse as línguas antigas da tribo dos Algonquianos e, de facto, três mulheres idosas ainda falavam essa velha língua. Jefferson compilara um glossário das palavras delas, que ele esperava poder vir a ajudar a provar a sua tese sobre a origem dos Índios.

O chefe da tribo presenteara Jefferson com o pergaminho, dizendo que este tinha sido passado de geração em geração. Tocado por esse gesto, Jefferson pediu a um rico proprietário e companheiro, signatário da Declaração, que providenciasse meios para ajudar os Índios.

Olhando agora para o pergaminho, ocorrera-lhe uma ideia. Levou-o para uma mesa, onde um cavalete de madeira horizontal tinha duas canetas suspensas de um quadro, que permitia que elas se movessem simultaneamente. Jefferson usava regularmente essa máquina de copiar, conhecida como polígrafo, para a sua volumosa correspondência.

Copiou as marcas do pergaminho e acrescentou notas, pedindo ao destinatário para identificar a língua em que as palavras tinham sido escritas. Em seguida, endereçou e selou os envelopes, colocando-os numa cesta para serem levados para o correio.

As listas de palavras dos Unkechaug tinham sido embaladas com os outros papéis na arca. Jefferson queria manter o pergaminho por perto, e voltou a colocá-lo na caixa. Levá-la-ia juntamente com os seus alforges na jornada até Monticello. Voltou a olhar para o relógio de parede, acabou de beber o copo de vinho e levantou-se da cadeira.

Com a idade de sessenta e cinco anos, Jefferson não tinha qualquer excesso de carnes no seu corpo de agricultor. O seu cabelo grosso mudara do loiro-avermelhado para um cinzento cor de areia, enquanto ele fora envelhecendo. Com os seus ombros quadrados, a sua postura de cano de mosquete e um metro e oitenta e oito de altura, seria sempre uma figura imponente. A artrite inflamatória já iniciara as suas incursões, contudo, depois de exercitar a rigidez dos membros, os seus movimentos tornavam-se flexíveis e fáceis, fazendo com que se movesse com a graça de um homem mais jovem.

Acendeu a vela da noite e seguiu pelos silenciosos corredores da Casa Branca até ao seu quarto.

Acordou de madrugada, e foi assistir à tomada de posse do novo

presidente, com a sua falta habitual de pompa e cerimónia. Com um toque no chapéu, galopou simplesmente em frente da escolta de cavalaria que o esperava, desmontou perto do Capitólio, e amarrou o cavalo a uma cerca de estacas. Sentou-se com o público durante a tomada de posse. Mais tarde, fez uma visita de despedida à Casa Branca. No baile inaugural, dançou com Dolley Madison.

No dia seguinte, acabou de fazer as malas, certificando-se, em particular, de que a arca com o material índio se encontrava na carroça que a levaria até ao rio James. Partindo a cavalo para Monticello, cavalgou durante oito horas, através de uma tempestade de neve, na sua ânsia de retomar a vida de cavalheiro rural.

O observador ficou na sombra de um carvalho coberto de neve perto da margem do rio James, onde vários barcos de carga tinham sido amarrados durante a noite. Um riso enrouquecido emanava de uma taberna próxima. As vozes estavam a tornar-se mais ruidosas e ele pensou, com base na sua experiência pessoal, que as tripulações dos barcos tinham atingido o último estado, antes de beberem até à inconsciência.

Emergiu da proteção das trevas e caminhou pelo chão coberto de neve até um barco que se desenhava debilmente à luz bruxuleante de uma lanterna que tinha na popa. A embarcação de quinze metros de comprimento era uma nave estreita e de fundo chato projetada para o transporte de tabaco ao longo do rio.

Ficou de pé na margem e chamou, não obtendo resposta. Aliciado pelas perspectivas da bebida, um lume quente e companhia feminina, o capitão tinha ido a terra, juntamente com os dois homens da vara que trabalhavam no barco. O crime era praticamente desconhecido nessa parte remota do rio, e nenhum dos barcos sentia necessidade de deixar tripulação a bordo nessa noite fria.

O observador subiu a rampa e usou a lâmpada, pendurada na popa, para lhe iluminar o caminho, enquanto se baixava sob um toldo arqueado que cobria a parte central do convés. Esse toldo abrigava mais de duas dúzias de pacotes com as iniciais TJ. Pousou a lanterna e começou a percorrer as bagagens e as caixas.

Arrombou uma arca com uma faca, e retirou dela um punhado de papéis que aí se encontravam ordenadamente arrumados. Tal como

fora instruído, enfiou esses papéis num grande saco e atirou um punhado deles para a margem do rio. Atirou mais papéis ao rio, onde estes desapareceram de vista nas correntes rápidas.

O homem sorriu perante o que conseguira. Com um rápido olhar em direção à taberna barulhenta, saiu silenciosamente pela prancha de embarque até à margem do rio, evaporando-se como um fantasma na escuridão.

Logo depois, Jefferson estava a regressar a Monticello com uns amigos e viu os seus escravos domésticos a descarregarem caixas de uma carroça, estacionada junto à entrada com colunas da mansão. Ao aproximar-se, reconheceu um sujeito barbudo e atarracado como sendo o capitão do barco do rio James que transportara a sua bagagem de Washington.

Desmontou e caminhou até à carroça, mas, na excitação de ver chegar a bagagem, não percebeu a expressão magoada do barqueiro. Bateu com os nós dos dedos num dos lados da carroça. — Bom trabalho, capitão. Já vejo que tudo chegou sem problemas.

O rosto redondo do homem encolheu-se, como uma abóbora demasiado madura. — Nem tudo, lamento dizê-lo, meu senhor — murmurou.

— Que quer você dizer?

O capitão pareceu encolher-se ainda mais. Jefferson elevava-se sobre o barqueiro alguns centímetros, e teria sido um indivíduo de meter respeito, mesmo se não fosse o ex-presidente dos Estados Unidos. Parecia perfurar com os olhos, quase luminosos na sua intensidade, o infeliz capitão.

À medida que o barqueiro contava a sua história, ia torcendo o chapéu com tanta força que até parecia um milagre que este não se rasgasse em pedaços.

A arca de Jefferson fora vandalizada na última parte da viagem de barco, enquanto subia o rio acima de Richmond. O ladrão entrara a bordo quando a embarcação estava atracada e a tripulação dormia na praia, esclareceu o capitão. Tinha esvaziado uma arca. O capitão entregou a Jefferson alguns papéis manchados de lama, explicando que os mesmos tinham sido encontrados na margem do rio.

Jefferson olhou para o maço molhado que tinha na mão.

Mal conseguindo pronunciar as palavras, perguntou: — Nada mais foi roubado?

— Não, senhor. — O capitão animou-se com a oportunidade de apontar um lado bom em tudo isso. — Só uma arca.

Só uma arca.

As palavras ecoaram nos ouvidos de Jefferson, como se as mesmas estivessem a ser pronunciadas no interior de uma caverna.

— Diga-me onde encontrou isto — exigiu.

Momentos depois, Jefferson e os seus amigos galoparam e cavalgaram até chegarem ao rio, dividindo-se em seguida por ambos os lados. Após uma busca intensiva, conseguiram pescar alguns papéis que tinham flutuado para as margens. Exceto em algumas folhas, os espécimes cheios de lama com os vocábulos índios estavam completamente danificados pela água.

Mais tarde, nesse verão, um pequeno e bêbado gatuno foi preso e acusado do crime. O homem alegava ter sido contratado por um estranho para roubar os papéis e para fingir que os mesmos tinham sido destruídos.

Jefferson ficou feliz ao saber que tinham capturado o culpado e que este poderia ser enforcado. Ele não se interessou pelo destino do homem. O canalha causara-lhe uma perda irreparável. Jefferson tinha problemas mais prementes, tal como cuidar dos seus campos, há muito negligenciados, e tentar descobrir um modo de poder pagar as suas dívidas crescentes.

Tudo isso mudou meses depois, quando lhe chegou uma carta pelo correio.

Jefferson recebera várias respostas acerca das anotações que enviara da Casa Branca a membros da Sociedade Filosófica. Todos expressavam a sua perplexidade perante as listas de palavras que Jefferson transcrevera do pergaminho. Exceto um deles.

O professor Holmberg era linguista na Universidade de Oxford. Pedia desculpa por não lhe ter respondido mais cedo, mas estava a viajar pelo Norte de África. Ele sabia exatamente em que língua as palavras tinham sido escritas e enviava-lhe as traduções.

Os olhos de Jefferson arregalaram-se ao ler as descobertas de Holmberg. Com a carta na mão, percorreu a sua biblioteca e retirou volume após volume da sua estante de livros. História. Línguas. Religião.

Passou as horas seguintes a ler e a escrever notas. Quando tinha afastado o último livro, sentou-se no cadeirão, juntou os dedos em forma de pirâmide e olhou para o espaço.

Após um instante mergulhado em pensamentos, Jefferson murmurou silenciosamente um nome familiar: *Meriwether Lewis*.

...

O destino não tratara com gentileza o homem que liderara a expedição que abrisse as portas do Oeste americano à expansão dos Estados Unidos.

Lewis era um homem de talentos extraordinários. Jefferson estava ciente das qualidades do seu companheiro da Virgínia ao pedir a Lewis que liderasse a expedição exploratória até à costa do Pacífico, em 1803.

Educado, intrépido, versado nas ciências, fisicamente forte, Lewis era um aventureiro familiarizado com os costumes índios, e possuidor de um caráter sólido. Fora um capitão do exército, respeitado antes de ter vindo trabalhar para Jefferson na Casa Branca, onde veio a acrescentar diplomacia, estadismo e política ao seu arsenal de talentos.

A expedição fora mais bem-sucedida do que se pudesse pensar. Depois de Lewis ter regressado a Washington, em 1806, com William Clark, o outro líder da expedição, Jefferson nomeara-o governador do Território da Luisiana.

Lewis tinha razões para se perguntar, no entanto, se a nomeação era uma recompensa ou um castigo. Mesmo com todos os seus talentos e energia, teve dificuldade em tentar domar essa fronteira selvagem. Os inimigos políticos do explorador eram implacáveis.

Uma noite, depois de Lewis ter passado outro dia cansativo a lidar com acusações de que gastara dinheiro do governo numa empresa de curtumes, na qual estava interessado, reparou num pacote lacrado em cima da mesa e imediatamente reconheceu a caligrafia de Jefferson. Lewis tinha um sorriso, no rosto com um nariz de falcão, ao deslizar a lâmina de um abre-cartas sob o selo, para cuidadosamente desembulhar o papel rígido que protegia uma série de documentos. A nota lá dentro dizia:

Meu caro Sr. Lewis. Os seus jardins poderão beneficiar das informações aqui contidas. TJ

A página seguinte intitulava-se «O Cultivo das Alcachofras». As páginas continham um tratado detalhado, completo com tabelas de plantio e o diagrama de um jardim.

Espalhou o conteúdo do pacote em cima da mesa, com a testa enrugada de perplexidade. Lewis conhecia o interesse de Jefferson pela jardinagem, mas parecia-lhe estranho que ele se desse ao trabalho de lhe enviar

informações, sobre o cultivo de alcachofras, até ao outro lado do continente. Ele deveria saber que as enormes responsabilidades de Lewis não lhe deixavam tempo livre para a jardinagem.

Então a luz da compreensão irrompeu no rosto longo de Lewis e o seu pulso acelerou-se. Vasculhou as prateleiras de um armário onde tinha guardado os relatórios da expedição de Lewis e Clark, e encontrou o que estava à procura em poucos minutos.

Entalada entre dois maços de documentos, havia uma folha de cartolina, que ele extraiu e ergueu para a luz. A folha estava perfurada com dezenas de pequenos furos retangulares; com os dedos trémulos, colocou a matriz sobre a primeira página escrita no ficheiro da alcachofra, copiando as letras que surgiram, através dos furos, numa folha separada de papel.

Quando Jefferson concebera a ideia da expedição ao Pacífico, sabia que Lewis se encontraria numa posição diplomática sensível, explorando o território ocupado pela França e por Espanha. Por detrás da imperturbabilidade esfíngica de Jefferson, havia uma mente tão insidiosa como qualquer outra nos tribunais e nos palácios da Europa. Ao corresponder-se com o seu embaixador em França, usava muitas vezes uma cifra, que ele descrevia como «uma máscara quando precisarmos dela».

Enquanto Lewis estava em Filadélfia, preparando-se para a sua jornada com os grandes cientistas da Sociedade Filosófica, Jefferson enviou-lhe uma cifra que ele criara para a expedição. Baseara o método de encriptação na cifra de Vigenère, amplamente utilizada na Europa. O sistema envolvia uma tabela alfanumérica que poderia ser desbloqueada com uma palavra-chave.

Alcachofras.

Não fora necessário usar a cifra durante a expedição, o que fez com que Lewis ficasse perplexo ao vê-la utilizada. Deixando por agora essas questões de lado, atirou-se à mensagem cifrada com o entusiasmo que ele punha em todos os desafios. Ao decifrar cada letra dessa algaraviada, as palavras começaram a formar-se diante dos seus olhos.

Caro Sr. Lewis, Espero que esta missiva o encontre bem. Tomei a liberdade de lhe enviar este relatório na forma codificada sobre a qual havíamos concordado, com o objetivo de que deverá apenas ser para os seus olhos e para o que lhe possa interessar. Temo que a informação aqui contida, seja ela verdadeira ou não, excita-

ria certas paixões, fazendo com que homens entrassem num território onde estariam mal preparados para sobreviver, criando assim problemas com os Índios. Creio que você está totalmente envolvido na formidável tarefa de colocar um arnês sobre o garanhão da Luisiana, mas peço-lhe assistência para a resolução deste assunto.

Seu, muito atento e grato, TJ

Lewis decifrou toda a mensagem criptografada. Depois voltou ao diagrama do jardim. As linhas, os X, os círculos e as palavras escritas numa antiga língua começaram a fazer-lhe sentido. Estava a olhar para um mapa... e algo nele lhe parecia familiar. Percorreu dezenas dos seus mapas e documentos, até finalmente encontrar o que procurava.

Pegando em papel e numa caneta, escreveu uma breve nota. Agradeceu a Jefferson os seus conselhos de jardinagem, e disse-lhe que descobrira um local ideal para a sua cultura florescer. Em seguida, disse a Jefferson que iria discutir jardinagem com ele, quando fosse a Washington para limpar o seu nome. Lewis planeava descer o rio Mississípi no início de setembro de 1809. Ele informaria Jefferson, logo que chegasse a Washington.

Mas tal nunca iria acontecer. No final daquele outono, Jefferson recebeu uma nota de um tal major Neelly, informando-o de que Lewis tinha morrido de ferimentos de bala na Estrada de Natchez. Tinha apenas trinta e cinco anos.

A perda desse jovem talentoso era incompreensível para Jefferson. Quase parecia que uma antiga maldição pairava sobre os vocábulos índios. Algumas semanas depois, o major Neelly chegou a Monticello com o jovem escravo de Lewis. Enquanto Neelly se estava a lavar, após o seu percurso, o escravo, timidamente, entregou um pacote a Jefferson, sussurrando-lhe uma mensagem.

Instruindo a sua equipa para que não o perturbassem, Jefferson trançou-se no seu escritório para estudar o conteúdo do pacote. Depois, compilou uma análise detalhada dos eventos que tinham conduzido à morte de Lewis. A luz do amanhecer começava a entrar pelas janelas quando ele resumiu a sinopse numa única palavra sublinhada.

Conspiração.

E se as listas de palavras índias tivessem sido roubadas, como o ladrão alegara? E se alguém soubesse que a pesquisa de Jefferson continha a chave

de um segredo antigo? E se a morte de Lewis não tivesse sido um suicídio, mas um homicídio?

Jefferson passou mais alguns dias a trabalhar no seu estudo. Quando surgiu, brandindo uma lista de instruções para a sua equipa, parecia um homem possesso. Uma noite, a coberto da escuridão, montou a cavalo, seguido numa carroça pelos seus escravos mais confiáveis. Semanas depois, voltaram, parecendo cansados e desganhados, mas havia um brilho de triunfo nos olhos de Jefferson.

Ele considerou as implicações da sua descoberta. Fizera tudo em seu poder para evitar que os Estados Unidos fossem contaminados pela aliança mortal da Igreja com o Estado, que gerara as guerras religiosas que tinham assolado o continente. Temia que, se a informação fosse tornada pública, tal pudesse abalar os alicerces do jovem país, e até mesmo destruir a república, ainda demasiado nova, que ele ajudara a criar.

Sem parar para se lavar ou mudar de roupa, Jefferson mergulhou no seu escritório e escreveu uma longa carta para o seu velho amigo e por vezes némesis, John Adams. Ao selar o envelope, um sorriso percorreu-lhe o rosto cansado.

Ele poderia embarcar no jogo da conspiração, tal como qualquer um.

1



BAGDADE,
IRAQUE, 2003

CARINA MECHADI ESTAVA ACESA DE RAIVA. A JOVEM ITALIANA LANÇAVA faíscas, como se dentro dela houvesse fogo de artifício, enquanto examinava os escombros que cobriam os escritórios administrativos do Museu Nacional do Iraque. Os armários tinham sido derrubados. Os arquivos estavam espalhados como se tivessem sido apanhados por um remoinho de vento. Mesas e cadeiras haviam sido esmagadas até ficarem em lascas. A vingança dessa destruição era aterradora.

Carina desencadeou um chorrilho de insultos que dissecava o parentesco, a orientação sexual e a destreza dos vândalos que tinham causado aquela destruição sem sentido.

A onda de pragas atingiu o jovem cabo da marinha dos EUA, que tinha estado a pairar protetoramente nas proximidades, segurando uma carabina M4 nos braços. As duas únicas palavras italianas que o fuzileiro conhecia eram *pepperoni* e *pizza*. Mas não precisava de um dicionário para se dar conta de que testemunhara uma demonstração de invetivas cortantes, dignas de um estivador com uma dor nas costas.

A linguagem musculada era ainda mais surpreendente considerando a sua origem. Carina tinha menos um palmo de altura do que o fuzileiro. O equipamento de guerra, que os militares tinham insistido que ela usasse, fazia com que aquela mulher esbelta parecesse ainda mais baixa. Assemelhava-se a uma tartaruga, demasiado pequena para a sua casca, no

colete de proteção emprestado. O uniforme, com camuflagem para o deserto, destinava-se a um homem de pequena estatura. O capacete, que lhe escondia o cabelo longo, estava tão enterrado na cabeça, que quase lhe escondia os olhos cor de centáurea azul.

Carina apercebeu-se do sorriso irónico e atónito do fuzileiro. Corou de vergonha e tentou dominar-se. — Desculpe-me pelo que acabou de ouvir.

— Não há problema, minha senhora — disse o cabo. — Se alguma vez pensar em tornar-se instrutora de treino militar, o Corpo de Fuzileiros Navais ficaria feliz se a tivesse a bordo.

O calor desapareceu-lhe do rosto moreno. Lábios cheios, que pareciam mais adequados para a sedução do que para uma enfiada de palavras, abriram-se num largo sorriso que lhe revelava os perfeitos dentes brancos. Com o fogo nas suas palavras já extinto, a sua voz era baixa e suave. Falando com um ligeiro sotaque, afirmou: — Obrigada pela sua oferta, cabo O’Leary. — Olhou para os escombros a seus pés. — Como poderá ver, fico muito exaltada quando se trata deste tipo de coisas.

— Não a critico por estar lixada... — O rosto do fuzileiro corou e ele desviou o olhar. — Desculpe, quero dizer, por estar enfurecida, *minha senhora*. Isto é um verdadeiro inferno.

A Guarda Republicana de elite de Saddam Hussein montara uma posição defensiva no complexo de quatro hectares do museu, no coração de Bagdade, na margem ocidental do rio Tigre. As tropas iraquianas tinham debandado, por uma questão de sobrevivência, face ao avanço americano, deixando o museu desprotegido durante trinta e seis horas. Centenas de saqueadores tinham invadido o complexo até serem expulsos pelo pessoal sénior.

Os guardas-republicanos tinham-se visto livres dos seus uniformes, e queimado um sem-número de cartões de identidade, na pressa de regressarem à vida civil. Numa última tentativa de desafio, alguém escrevinhara MORTE A TODOS OS AMERICANOS numa parede do pátio.

— Já vimos aqui tudo o que tínhamos para ver — disse Carina com uma careta.

Com o cabo O’Leary a arrastar-se a alguns passos atrás, ela saiu dos escritórios administrativos. O seu andar, com pés de chumbo, era só em parte culpa das botas do exército. Ela sentia-se oprimida por um sentimento de medo perante o que iria encontrar, ou *não*, na galeria pública, onde as peças mais valiosas do museu se exibiam em mais de quinhentas vitrinas.

A caminhada pelo longo corredor central só serviu para aumentar

os seus receios. Um número de sarcófagos fora aberto e havia estátuas decapitadas.

Carina entrou na primeira galeria e o ar, involuntariamente, escapou-se-lhe dos pulmões.

Vagueou de sala em sala como se estivesse atordoada. Cada vitrina parecia ter sido limpa por um aspirador.

Entrou numa galeria que continha artefactos babilónicos. Um homem corpulento de meia-idade estava curvado sobre um armário partido. De pé, ao lado dele, via-se um jovem iraquiano, que levantou a sua AK-47 quando eles entraram.

O fuzileiro levou a carabina ao ombro.

O homem corpulento olhou para cima, através das lentes grossas, para o fuzileiro naval. Havia desdém em vez de medo nos seus olhos. O seu olhar incidiu em Carina e o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso de catorze quilates.

— Minha cara menina Mechadi — disse ele, com um entusiasmo indisfarçado.

— Olá, Dr. Nasir. Fico feliz em ver que se encontra bem. — Carina virou-se para o fuzileiro. — Cabo O’Leary, apresento-lhe Mohammed Jassim Nasir. Um curador sénior aqui no museu.

O fuzileiro baixou a arma. Após uma pausa para mostrar que não se sentira intimidado pelo americano, o iraquiano fez o mesmo. Continuaram, contudo, a olhar um para o outro cautelosamente.

Nasir aproximou-se para apertar as mãos de Carina. — A menina não deveria ter vindo tão cedo. Ainda é perigoso.

— Mas *o senhor* está aqui, professor.

— *Claro*. Esta instituição tem sido a minha vida.

— Percebo perfeitamente — disse Carina. — Mas a área em redor do museu encontra-se em segurança.

Ela acenou com a cabeça para o fuzileiro que a escoltava. — Além disso, o cabo O’Leary tem-me mantido sob vigia.

A testa de Nasir enrugou-se. — Espero que esse *cavalheiro* seja um guarda melhor do que os seus amigos. Se não fosse pelos meus corajosos colegas, o desastre teria sido total.

Carina percebeu a raiva de Nasir. As tropas americanas tinham chegado quatro dias após os curadores terem informado os comandantes acerca do saque. Carina tentara desesperadamente que eles tivessem tomado medidas mais cedo. Ela tinha acenado com o cartão da UNESCO, que trazia

pendurado em volta do pescoço, diante dos narizes dos oficiais americanos, apenas para ser informada de que a situação era demasiado instável e perigosa.

Carina não via utilidade em discutir acerca de quem teriam sido as culpas. O dano já fora feito. — Falei com os americanos — esclareceu ela. — Eles disseram-me que teria havido uma batalha sangrenta se tivessem vindo mais cedo.

Nasir lançou um olhar de ódio na direção do fuzileiro. — Compreendo. Eles estavam muito ocupados a guardar os poços de petróleo. — A expressão antipática no seu rosto, de um tom castanho-amarelado, sugeria que ele teria preferido um derramamento de sangue em vez do saque.

— Estou tão revoltada como o senhor — corroborou ela. — Isto é terrível.

— Bem, não é assim tão terrível quanto aqui possa parecer — disse Nasir, com um otimismo inesperado. — Os artefactos retirados desta vitrina eram artigos menores. Felizmente, o museu tinha arquitetado um plano de contingência, após a invasão de 1991. Os curadores mudaram a maior parte dos artefactos para salas seguras, conhecidas apenas pelos cinco funcionários mais importantes do museu.

— Isso é ótimo, professor!

O bom humor de Nasir foi de curta duração. Ele confiava impacientemente a barba. — Oxalá o resto das notícias fossem boas — continuou ele, com um tom triste na voz. — Outras partes do museu não se saíram tão bem. Os ladrões saquearam os maiores tesouros da Mesopotâmia. Levaram o vaso sagrado e a máscara de Warka, a estátua de Bassetki, o marfim da leoa a atacar o núbio e os touros de cobre.

— Esses objetos são inestimáveis!

— Ao contrário dos pequenos ladrões, que expulsámos do museu, as pessoas que levaram as antiguidades mais valiosas eram sofisticadas. Mas ignoraram o Obelisco Negro, por exemplo.

— Devem ter sabido que o original se encontra no Louvre.

Os lábios de Nasir apertaram-se num sorriso sombrio. — Não tocaram em nenhuma cópia. Eram muito organizados e seletivos. Venha, vou mostrar-lhe.

Nasir conduziu-os às salas de armazenamento acima do solo. As prateleiras que revestiam as paredes estavam vazias. Dezenas de jarros, vasos e cacos encontravam-se espalhados pelo chão. Carina deu um pontapé num uniforme do exército.

— A Guarda Republicana também passou aqui algum tempo — disse ela. — Tem alguma ideia de quanto desapareceu?

— Irá levar anos para podermos avaliar a perda. Creio que desapareceram três mil e tal peças. Gostaria de poder dizer que isso tinha sido o pior.

Entraram numa galeria onde se exibiam antiguidades romanas. O professor empurrou uma prateleira lateral para revelar uma porta escondida, cujos painéis de vidro tinham sido quebrados, e uma grelha de aço dobrada para trás. Procurou no bolso uma vela e um isqueiro. Desceram uma série de degraus estreitos, até chegarem a umas portas de metal que estavam escancaradas, sem nenhum sinal de entrada forçada. Uma parede barrava o espaço para lá da porta. Os tijolos de cimento tinham sido arrancados para criar uma grande abertura.

Entraram por essa abertura para uma sala quente e sem ar. Um fedor acre assaltou-lhes as narinas. Pegadas no chão empoeirado tinham sido isoladas com a fita amarela, utilizada em locais de crime, por uma equipa de investigadores.

Carina olhou em redor. — Onde estamos?

— Na área de armazenamento da cave. Há cinco salas aqui em baixo. Poucas pessoas no museu sabem sequer que este lugar existe. Por isso, pensamos que a coleção estava segura. Estávamos errados, como podem ver.

Ele descreveu um arco com a vela. A sua luz amarela incidiu sobre dezenas de caixas de pesca em plástico, atiradas à toa em volta da sala.

— Nunca vi um caos semelhante — sussurrou Carina.

— As caixas continham selos cilíndricos, contas, moedas, garrafas de vidro, amuletos e joias. Faltam milhares de artigos.

Ele aproximou a vela das dezenas de caixas de plástico maiores que cobriam as paredes. — Eles não se incomodaram com estas. Aparentemente, sabiam que estavam vazias.

O cabo O'Leary pesquisou os destroços, com o olhar de um lutador de rua, em busca de entradas e saídas. — Se o senhor não se importar de me responder, como saberiam eles como encontrar este lugar?

A expressão pesada de Nasir acentuou-se mais, e ele acenou tristemente com a cabeça.

— Vocês, os americanos não são os únicos que têm motivos para se envergonhar. Suspeitamos que alguém, entre o nosso pessoal, com um conhecimento íntimo deste museu, tivesse revelado esta sala aos ladrões. Temos impressões digitais do nosso pessoal, exceto do chefe de segurança, que não regressou para recuperar o emprego.

— Estava a perguntar a mim mesma por que motivo eu não reparara em nenhuns sinais de a porta ter sido arrombada — observou Carina.

— Os ladrões entraram na cave da mesma forma que nós, mas esqueceram-se de trazer tochas ou nunca pensaram que precisassem delas. — Ele pegou num pedaço de espuma de borracha queimada. — Usaram este material do andar de cima como iluminação. Esta substância arde rapidamente e o fumo teria sido terrível. Encontrámos um molho de chaves no chão. Provavelmente, deixaram-nas cair e não as conseguiram encontrar. Assim, não se deram conta de trinta armários com os nossos melhores selos cilíndricos e dezenas de milhares de moedas de ouro e prata. Creio que nos faltam cerca de dez mil artefactos retirados de escavações. Centenas de caixas foram deixadas intactas, Alá seja louvado.

Entraram por uma porta num espaço maior, repleto de antiguidades de todos os tamanhos e formas. — Estes são objetos que receberam uma identificação preliminar e deveriam ser integrados numa coleção principal, à medida que o pudéssemos ir fazendo. Alguns foram armazenados aqui, há anos.

— As pegadas conduzem até aqui — disse Carina.

— Os ladrões deveriam ter pensado que haveria algo de valioso nesta sala. Não o poderemos saber até percorrermos o nosso inventário. Estamos muito ocupados a tentar recuperar as peças mais valiosas.

— Ouvi dizer que houve uma amnistia — continuou ela.

— Pois houve. De certa forma, restaurou um pouco da minha fé na natureza humana. Houve pessoas que trouxeram milhares de peças, incluindo a máscara de Warka. Espero que os objetos continuem a ser devolvidos, mas, como poderão calcular, os mais valiosos estarão provavelmente na posse de algum rico colecionador, em Nova Iorque ou Londres.

Carina suspirou em concordância. Os roubos tinham sido cuidadosamente planeados. A invasão levava semanas a ser preparada. Comerciantes sem escrúpulos, na Europa e nos Estados Unidos, poderiam ter aceitado pedidos antecipados para objetos específicos, por parte de clientes ricos.

O negócio das antiguidades tornara-se quase tão lucrativo quanto o tráfico de drogas. Londres e Nova Iorque eram os principais mercados. Antiguidades roubadas de escavações ilegais na Grécia, em Itália e na América do Sul eram frequentemente «lavadas» na Suíça, onde os objetos podiam adquirir um título legal depois de apenas cinco anos de permanência no país.

Carina ficou em silêncio no meio das caixas vazias, aparentemente

perdida em pensamentos. Após um momento, ela sugeriu: — Talvez eu possa acelerar o processo de amnistia.

— Mas *como*? Nós espalhámos a palavra por toda a parte.

Ela voltou-se para o fuzileiro. — Vou precisar da sua ajuda, cabo O'Leary.

— Recebi ordens para cumprir qualquer pedido por parte da senhora.

Carina abriu os lábios num sorriso misterioso. — Estava a *contar* com isso.

2



O PAVIMENTO TREMEU À PASSAGEM DE UM VEÍCULO DE COMBATE *BRADLEY*, com vinte e cinco toneladas, alertando para a aproximação desse transportador de tropas, muito antes de o mesmo ter sido visto. Quando o veículo virou a esquina e rolou pela avenida, o homem que tinha vindo a caminhar ao longo das montras das lojas abandonadas entrara numa viela. Baixou-se para se abrigar num portal, onde se tornaria invisível aos binóculos de visão noturna.

O homem observou o veículo, até que este desapareceu numa outra esquina, antes que se arriscasse a sair da viela. O estrondo das bombas, que tinham anunciado o avanço das forças lideradas pelos americanos, parara já. O matraquear das pequenas armas de fogo era constante, mas esporádico. Exceto pelos tiroteios que se seguiram, enquanto os invasores iam limpando as bolsas de resistência, houve uma pausa na batalha, à medida que a coligação e os restantes defensores iam considerando o passo seguinte.

Passou por uma estátua desfigurada de Saddam Hussein e caminhou mais dez minutos até chegar a uma rua lateral. Usando uma lanterna de bolso, que projetava um fino feixe vermelho, estudou o mapa da cidade; em seguida, voltou a pôr o mapa e a lanterna no bolso e desceu a rua.

Embora fosse um homem encorpado, vários centímetros acima de um metro e oitenta, movia-se, através da escuridão de breu da cidade, com o silêncio de uma sombra. A sua discrição era uma competência que ele

desenvolvera, após semanas de treino, num acampamento dirigido por ex-membros da Legião Estrangeira Francesa, da Força Delta dos EUA e das Operações Britânicas Especiais. Poderia infiltrar-se nas instalações mais fortemente vigiadas para realizar a sua missão. Embora fosse adepto do uso de uma dúzia de diferentes métodos de assassinio, a sua arma preferida era a força esmagadora das suas mãos enormes com dedos grossos.

Percorrera já um longo caminho desde os seus humildes começos. A sua família morava numa pequena cidade do Sul de Espanha quando o seu benfeitor o encontrara. Ele era ainda adolescente e trabalhava num matadouro. Gostava do trabalho de despachar tudo, desde galinhas a vacas, e tentava trazer alguma criatividade a essa tarefa, sempre que podia, mas algo nele ansiava por coisas maiores.

No entanto, tal quase não tinha acontecido. Ele estrangulara um colega, aborrecido devido a um argumento mesquinho. Acusado de homicídio, tinha permanecido na prisão enquanto os cabeçalhos dos jornais exageravam o facto de ele ser filho de um homem que fora o carrasco oficial de Espanha, responsável pelo garrote, nos tempos em que o estrangulamento era o método de execução aprovado pelo Estado.

Um dia, o homem que se tornaria o seu benfeitor chegou à prisão num carro com motorista. Sentou-se na cela e disse ao jovem: — Tens um passado glorioso de que te deves orgulhar e um grande futuro.

O jovem ouviu com toda a atenção enquanto esse estranho lhe falava sobre o serviço da sua família ao Estado. Sabia que o pai do rapaz fora atirado para o desemprego logo que tinham decidido abolir o garrote, em 1974; de como o pai mudara o seu nome e se retirara para uma pequena quinta, onde a família mantinha uma vida de subsistência lamentável, e onde morrera sem um centavo e de coração destroçado, deixando uma viúva e uma criança.

O seu benfeitor queria que o jovem trabalhasse para ele. Subornou os carcereiros e o juiz, deu a essa família enlutada mais dinheiro do que um matador de frangos poderia alguma vez ganhar se vivesse cem vidas, e as acusações contra o jovem desapareceram. Foi então enviado para uma escola particular, onde aprendeu várias línguas e, depois de ter concluído a sua formação, treinaram-no em táticas militares. Os assassinos profissionais que o adotaram reconheceram, tal como o seu benfeitor, que ele era um aluno talentoso. Assim, não demorou até ele ter sido enviado em missões a solo para remover aqueles que tinham sido seleccionados pelo seu benfeitor. O telefonema viria com instruções, a missão seria executada e o dinheiro depositado na sua conta bancária na Suíça.

Antes de vir para Bagdade, assassinara um padre ativista que estava a criar um movimento de oposição a uma das minas que o seu benfeitor possuía no Peru. Estava a voltar para Espanha, para se encontrar com esse mesmo benfeitor, quando lhe enviaram uma mensagem para entrar discretamente no Iraque antes da invasão americana. Uma vez aí, residira num pequeno hotel e fizera os contactos necessários.

Ficou desapontado ao saber que a sua tarefa não era matar, mas organizar a remoção de um objeto do Museu de Bagdade. No lado positivo, contudo, tivera praticamente um lugar na primeira fila para assistir à invasão, com toda a morte e destruição resultantes.

Voltou a estudar o mapa e a roncar de satisfação. Estava a poucos minutos do local para onde se dirigia.